

## "RUÍDOS AFRICANOS"

Lou Bertoni (Maria de Lourdes Bertoni Araújo e Silva)

Estudante do curso de graduação e licenciatura em História da Faculdade de Ciências  
Integradas do Pontal - FACIP/UFU

e-mail: lou.bertoni@gmail.com

Dr. Aurelino José Ferreira Filho

Professor do curso de graduação e licenciatura em História da Faculdade de Ciências  
Integradas do Pontal - FACIP/UFU

e-mail: lino@pontal.ufu.br

### **Resumo**

Este resumo é parte de um artigo feito no curso de graduação e licenciatura em História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal - FACIP/UFU, apresentado na disciplina ÁFRICA. O tema surgiu a partir de alguns questionamentos sobre o que em nós ficou da África, além do óbvio. "RUÍDOS AFRICANOS" é tudo aquilo que, de uma forma ou de outra, é perceptível, que causa "barulho", que interfere e que até hoje são percebidos na nossa cultura, costumes, mentalidades. Não são ruídos ligados a sons, música, ou tão somente à língua, são as misturas, o hábito que ficou, o jeito de olhar, a mão na cintura, o gostar de dar de ombros. Ruídos são portadores de informação, são as marcas, aquilo que provoca e aflora, são citações, africanidades que ficaram, mudaram, plantaram e que nos fizeram e fazem sermos quem somos, esse povo carnal e místico, que adora conversar na porta da rua. Minha busca foi por um trabalho que iluminasse, mesmo que pouco, as indagações mais submersas sobre o tema: quantas Áfricas havia? Onde elas estavam, onde se escondem na modernidade do hoje? O dicionário Michaelis, além das definições habituais, diz que RUÍDO é o som de muitas vozes, o som continuado, o som da transmissão de dados, sensação profunda, viva impressão. Não fiz um trabalho focado na música, dança, religiosidade ou culinária afro-brasileira, me detive nos detalhes, nos ruídos que nem sempre são audíveis, e respeitada a pouco profundidade que um artigo pode acusar, pela brevidade do seu voo sobre um assunto tão intenso, creio ter conseguido alguns pequenos tesouros, como o quão é africano o jeito mineiro de falar, muito mais por uma questão da fonética africana do que por uma questão geográfica. E são destes ruídos que é feito este artigo.

**Palavras-chave:** Africanidades; Culturas; Memórias; Heranças.

"Nunca, nunca e nunca de novo esta bela terra experimentará de novo a  
opressão de um sobre o outro." <sup>1</sup>

Este trabalho é iniciado com a epígrafe acima, numa alusão ao ponto mais sensível que toma Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez quando nos apresenta suas considerações sobre a História Contemporânea da África, abordando muito mais aquela que invadiu as salas de aula do mundo ocidental, em detrimento da outra, essa sim, evidenciada pelos vestígios e caminhos do continente e suas gentes.

Paulistana, Hernandez é bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em Ciência Política pela PUC-SP. Hoje ministra a disciplina de História da África no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e trabalha com os temas colonialismos, resistências e diálogos, movimentos de independência e nacionalismos. Publicou pela Selo Negro Edições, o livro *Os Filhos da Terra do Sol – A formação do Estado-Nação em Cabo Verde* e em 2005, o livro *A África na sala de aula – Visita à História Contemporânea*.

### **O COMEÇO DE TUDO - sons inaudíveis**

Inicialmente, no preparo do artigo, foi feito um estudo dos textos de Hernandez do livro *A ÁFRICA NA SALA DE AULA*, na trilogia: *O olhar imperial e a Invenção da África*, *O processo de roedura do continente e a Conferência de Berlim e o Novo imperialismo e a perspectiva africana da partilha*. A perspectiva da autora Hernandez tem o foco voltado para os aspectos políticos, antropológicos, econômicos, mas acima de tudo, sociais desta sua visita historiográfica ao continente africano, com uma preocupação já denunciada ao cobrar uma constante renovação historiográfica e um novo olhar sobre velhos conceitos, dando mostras de criticidade aguçada ao lidar

---

<sup>1</sup>Excerto do discurso de Nelson Mandela, na sua posse como presidente da África do Sul (1994) com o que ela chamou de "saber moderno" e seus efeitos. Hernandez vai, ao longo de seus textos, desenhando um panorama do contexto da África em seu processo histórico, o impacto de alguns equívocos sobre o continente e as formulações de "novas visões de

mundo" cometidas pelo "mundo que fica do lado de fora" da África, formulações estas revestidas de uma legitimidade científica senão fraudada, bastante questionável.

Ao buscar a perspectiva tomada por Marilena Chauí (Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas, 1982, p.7), citando a regra obsoleta de que "[...] *não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância*", a autora revela assim quão privilegiados seriam aqueles que detém o saber-poder, na construção de um conhecimento que remonta ao século XVI e que passou a dominar o pensamento ocidental desde então. Hernandez traz em seus textos a sua reflexão sobre a invenção da África, um continente que recebe o "olhar imperial" do saber ocidental e que vê sendo escrita a sua história do fim do século XIX e início do século XX com informações deterioradas, conceitos equivocados e desconhecimento total da causa africana. Noções burlescas sobre a raça negra, onde o termo africano passa a ser sinônimo de inferioridade racial, juntamente com o embaçamento e perda de suas peculiaridades, bem como referências rasteiras e preconceitos profundos seriam as diretrizes desta nova ordem. Ao lê-la, a pergunta recorrente é: de qual África estamos falando tão mal, segundo a autora? Aquela cuja história foi criada de acordo com o tamanho do conhecimento ocidental que se tinha sobre o continente ou estamos aqui falando de uma África culta, com signos, símbolos, construção de saberes e diversidades contidas? O mundo ocidental desenvolve, neste caso, um pensamento simplista, quase embotado: se não conheço, não existe. Se não entendo, está errado, é ruim, é menos.

Neste ponto da pesquisa para o artigo, perguntas cruciais começaram a brotar e havia algo que ainda não estava concretizado no trabalho, algo que rondava os estudos e que deixava as reflexões interrompidas, como se elas, as reflexões, aguardassem diante de uma bola de cristal que a imagem nebulosa se formasse totalmente. A busca por um artigo que trouxesse respostas às indagações mais submersas sobre o tema bateu de frente com a perspectiva de que, antes de qualquer outro sujeito histórico para quem aquele texto seria escrito, no momento do pesquisar e escrever, não havia respostas que pudessem ser dadas se as perguntas não fossem formuladas para os autores corretos. Quantas Áfricas havia? Onde elas estavam em nós, nos outros, na modernidade do hoje? Claramente o artigo trazia, nesse segundo momento, indagações que os textos da Leila Hernandez não poderiam responder por

completo, não porque não fossem densos o suficiente, mas porque eles, os textos, falavam da África e não especificamente da África que restou no dentro de cada um, aquela que não é possível ver e que requer uma tradução mais elaborada para poder ser percebida. Foi necessário uma mudança de planos para um Plano B que ainda não existia.

### **O COMEÇO, DE NOVO - sons perceptíveis**

E a pergunta era: O QUE FICOU DA ÁFRICA EM NÓS, além do óbvio? E a resposta estava ali: os ruídos. Os RUÍDOS DA ÁFRICA são muitos, são tantos e são tão diluídos e ao mesmo tempo tão altos e tão tímidos, e tão ferozes, e tão entrelaçados em nós que não os percebemos, nas suas sutilezas. Apenas percebemos os ruídos óbvios, já debatidos, já extenuados. Para além do óbvio (óbvio esse que podemos ver na dança, na música, na culinária), a bagagem cultural africana marcou profundamente a nossa história. Tem muito mais a ser visto e ouvido do que a nossa vã filosofia europeizada permite. Neste momento, RUÍDOS é tudo aquilo que, de uma forma ou de outra, é perceptível, que causa "barulho", que interfere e que até hoje são percebidos na nossa cultura, costumes, mentalidades. Não são ruídos ligados a sons, música, ou tão somente à língua, são as misturas, o hábito que ficou, o jeito de olhar, a mão na cintura, o gostar de dar de ombros. Ruídos são portadores de informação, são as marcas, aquilo que provoca e aflora, são citações, africanidades que ficaram, mudaram, plantaram e que nos fizeram e fazem sermos quem somos, esse povo carnal e místico. Em citação comentada do dicionário Michaelis, repousam parte da explicação deste artigo:

**Ruído** - (latim *rugitus*, *-us*, rugido) *s. m.*

1. Som produzido pela queda ou choque de um corpo - Sim, a África caiu em nós e o som dessa queda, desse choque, dessa invasão ao avesso ainda é ouvido.
2. Som desarmônico; som com vibrações irregulares - A nossa África daqui, a que ganhamos, tem som com vibrações irregulares. É desarmônico o processo de escravidão como é desarmônica a percepção que as pessoas têm da sua contribuição e da nossa

negritude. Neste caso, dadas as circunstâncias colonialistas desta história ruidosa, não haveria como não haver mesmo dissonâncias primárias.

3. Som de muitas vozes - A África tem o som de muitas vozes - e o que esperar destas milhares de vozes vindas de tão longe? Silêncio? Não, o ruído da África em nós tem mesmo muitas vozes porque não somos *uno*, somos uma multidão.

4. Som continuado - Talvez o mais óbvio dos sinônimos. Se não é continuidade as marcas que trazemos, o que será? O ruído africano em nós é continuado porque suas rupturas nunca significaram rupturas com as matrizes africanas mas sim, rupturas inerentes do crescimento, do movimento, da mudança.

5. Som ou perturbação numa comunicação ou transmissão - A interferência africana no que éramos é ouvida até hoje - isso é ruído. A África interferiu na transmissão de informação, de cultura.

6. Sensação profunda; viva impressão - O ruído africano é o que há de mais profundo em nós, de mais puro ou essencial.

### **A ÁFRICA, ANTES DE TUDO**

A cultura africana não é só diversa, nem só feita de extremos, embora essa seja a sua grande força reveladora de matrizes - as incontáveis matrizes africanas. Se considerarmos que a África é o continente habitado há mais tempo na Terra, esse ambiente cheio de contrastes acaba sendo explicado dada a dimensão territorial, linguística - ou seja, muitos mundos emendados por "zilhões" de quilômetros de terra, areia, rochas. Cultura, diferentes religiões, modo de vida peculiar, movimento econômico diferenciado a cada tribo, a cada quinhão. Tribos, grupos étnicos e sociais com seus dizeres, saberes, fazeres específicos. E essa loucura de gente diferente onde às vezes, a única similaridade era o solo ser um só, veio para o Brasil de forma sistêmica, continuada, por séculos. Então são bantos, nagôs, jejes, hauçás e malês aprendendo o português para nele intervir.

Se formos lembrar do que de mais óbvio (mas não menos importante) podemos perceber nessa herança, estão aí exemplos como a religião, com os chamados cultos afro-brasileiros como o candomblé e a umbanda. Porém, a

contribuição dos africanos na cultura brasileira não se limitou à religião e seguem outros inúmeros exemplos, como a música, dança, culinária e idioma, que receberam "acentos" que prevalecem no Brasil até os dias de hoje. Muito do que está nas mesas do povo brasileiro nas regiões deste país imenso tem na África a sua explicação inicial. Na Bahia, principalmente, estado que herdou o dendezeiro (a palmeira africana da qual se extrai o azeite de dendê), foi introduzido pelos escravos o uso e o amor ao dendê, até hoje detalhe importante em vários pratos de influência africana como o vatapá, o caruru e o acarajé. Já o idioma brasileiro ficou bem mais rico com palavras como muquifo, batuque, moleque, samba e macumba. Aliás, se não fosse pelos africanos e a sua bendita mania de ter palavras extremamente vigorosas, até hoje estaríamos falando "nádegas", igual aos portugueses, ao invés da incrível e fantástica "bunda", que com tamanha sonoridade só poderia mesmo ser ruído africano. Ou chamando o irmão "caçula" (palavra africana) de "benjamin", como os portugueses. Um disparate, convenhamos.

Para a música, a África nos deu presentes que não podem ser mensurados, tão enormemente fomos agraciados pela sua força sonora. A cultura africana nos cedeu algumas das mais importantes bases de ritmos que hoje fazem parte da música popular brasileira - o gênero musical "lundu" é matriz que deu origem ao samba, choro, maxixe e bossa nova, só para citar alguns. Essa base rítmica veio acoplada aos instrumentos que eles trouxeram e que hoje fazem parte do que temos de mais essencial: afoxé, berimbau, agogô, atabaque, cuíca, marimba. E dos instrumentos, saíram as danças e jogos de origem africana, como a capoeira, que usa o berimbau para fazer a marcação rítmica dos seus passos e mais danças interligadas ao folclore nacional, como o cateretê, jongo e o samba, nosso ruído africano mais famoso.

### **OS TEMAS ELEITOS - nasce um ensaio**

Para este trabalho, foram eleitos alguns temas que, além de fugir daquilo que é corriqueiro demais e já explorado ao máximo pela literatura, pela mídia, pelas políticas de turismo e divulgação de uma imagem não muito crível da cultura brasileira para o mundo, também proporcionaram boas surpresas e adicionaram saberes à intensa jornada na matéria. Os ruídos africanos encontrados e eleitos não são muito citados e nem estudados em profundidade pela historiografia nacional, dada a escassez de

material disponível, aliada à dificuldade em achar fontes confiáveis. Junto com os temas, foram eleitos alguns autores e de quem tomou-se emprestado importantes considerações e reflexões sobre a África, esta sim, que ficou em nós.

## **AS PALAVRAS E A FONÉTICA**

*"Não zangue nem me xingue por estar cochilando ou cochichando"*. Todos os verbos dessa frase são de origem africana e quase ninguém sabe disso, falamos a nossa língua automaticamente, sem pensar muito e sem questionar de onde vieram estas ou aquelas palavras. Yeda Pessoa de Castro, em seu livro "Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro" (Academia Brasileira de Letras / Topbooks Editora, 2001, 2ª edição 2005), traz o resultado de 40 anos de trabalho na Bahia, na República Democrática do Congo (ex-Zaire) e na Nigéria e mostra influência dos idiomas africanos na língua portuguesa. Conhecer o seu texto foi como abrir um imenso dicionário vivo, que pulsa em solo brasileiro e nos permite reconhecer o quão fomos influenciados. Brasileira nascida em Salvador, Bahia, no mais fiel reduto africano, Yeda Pessoa de Castro é etnolinguísta, Doutora em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo, Membro da Academia de Letras da Bahia. Yeda pertence ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL e é Membro Permanente do Comitê Científico Brasileiro do Projeto "Rota do Escravo" da UNESCO.

No seu livro, aceito pela crítica como a obra mais completa escrita, até agora, sobre línguas africanas no Brasil, Castro deixa claros os aspectos dos mecanismos de integração progressiva da língua africana em direção ao português e dos vocábulos de base africana tomados como empréstimo. Para entendermos a dimensão deste universo de posse, troca e mistura linguística, basta pensarmos que vieram para cá de quatro a cinco milhões de falantes africanos entre o século XVI ao século XIX, de basicamente duas regiões africanas. Uma delas, a região banto, naquele continente, compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países. Não seria muito descabida aqui a alusão à Torre de Babel, com portugueses, indígenas e africanos se comunicando em milhares de idiomas diferentes. Para melhor exemplificar a riqueza destas "intervencões" linguísticas, durante a manufatura do texto, foi anexado

uma lista alfabética de palavras de origem africana que foram incorporadas ao falar brasileiro.

Outro autor a quem este artigo recorre é Nei Lopes, com seu "*Novo dicionário banto do Brasil*", contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo dicionário Houaiss. Publicado pela primeira vez em 1999, esta obra é considerada de referência pioneira na investigação das línguas africanas e foi tomada como ponto de partida para se ter acesso aos vocábulos que mais usamos. "Bagunça", "curinga", "moleque", "denço", "gangorra", "cachimbo", "fubá", "macaco", "quitanda" são alguns exemplos que vieram de diferentes povos africanos, os jejes e os nagôs (que falavam línguas como o fon e o ioruba), bem como palavras como "acarajé", "gogó", "jabá" e muitas outras que foram incorporadas à nossa cultura. E um dado destaca-se: em geral, trata-se de nomes ligados à religião, à família, a brincadeiras, à música e à vida cotidiana. E antes que ocorra algum "bafafá", muito "axé" para todos.

O livro "*Kalunga - A Língua Secreta Dos Escravos*", 2011, de Marlenísio Ferreira, deu um grande alento aos pré-escritos deste artigo, porque trouxe um registro do "dialeto" de Kalunga falado na região, colhido durante seis anos pelo autor, através de pesquisas com pessoas da comunidade, além de livros e histórias da região. Uma das traduções de Kalunga e que é objeto de estudo de Ferreira no seu livro é no sentido de língua ou dialeto, ou seja, uma reunião de palavras de diversas línguas africanas (nascida da diversidade de dialetos e línguas diferentes povoando os mesmos espaços), com raríssimas exceções, que formam um vocabulário secreto, usado entre os africanos para que os feitores, senhores e estranhos não pudessem entender o que era falado. Em Estrela do Sul, Cruzeiro da Fortaleza, Distrito de Desemboque no município de Sacramento, foram encontrados alguns raros "kalunguêros", ao contrário da cidade de Patrocínio, onde a língua é conhecida e existem pessoas que a falam fluentemente, membros de famílias que têm a tradição. Ferreira relata: "*Difícilmente se encontra uma pessoa do povo, não importa sua cor ou origem, que não conheça, pelo menos, algumas palavras. Dizem os entusiastas, que todo cidadão patrocínense, quando não sabe nada, sabe uma palavra*". E, embora seja falada também por mulheres, a Kalunga é eminentemente masculina.

Com esta pesquisa um pouco mais aprofundada e uma maior variedade de autores no campo das palavras e das línguas nativas das quais derivaram o português do



Brasil que hoje falamos, uma descoberta interessante ocorreu. Até então, a forma de falar no interior do país (principalmente mineiro e goiano) sempre foi indício de interioranidade. Aquela fala arrastada, quase cantada, onde as palavras são "comidas" ao serem pronunciadas, via de regra, o que se pensava, era que estava ali um falar caipira, típico de pessoas mais humildes, da roça. A descoberta é que, no campo da fonética, as línguas africanas, combinadas com as línguas indígenas, modificaram palavras da língua portuguesa e muitas delas usamos até hoje sem perceber que essas modificações aconteceram já há muito tempo. Os exemplos são "tá" para está; "mio" para melhor; "fulo" para flor; "piação" para palhaço; "cosca" para cócegas; "andano" para andando. Então, essas palavras que sempre foram chamadas de "o jeito mineirês de falar", que se aproximam da forma de falar denominada caipira, típica de classes sociais menos abastadas, nada mais é que o jeito africano de dar conta de algo que na língua deles não existia - esses encontros consonantais de flo, pra, pro, lho e as terminações ando, endo, indo. E claramente, as comunidades rurais falam dessa maneira de forma mais acentuada porque foram as mais expostas à essa variação devido à proximidade com a comunidade escrava nos trabalhos da fazenda.

### **A ÁFRICA NOS ENGRAVIDOU**

Alberto da Costa e Silva, ex-diplomata, membro da Academia Brasileira de Letras e autor do livro *“A enxada e a lança”*, considerado um dos mais completos estudos sobre o continente africano, ressalta que, além das milhares de palavras africanas que usamos no cotidiano, ganhamos também outros detalhes, às vezes, nem tão perceptíveis, como o modo de falar, a influência na comida, na dança, na música, na maneira de trabalhar e exatamente por esses motivos, seria fundamental conhecer e respeitar a "negra nave mãe". Para o autor, “o processo de migração forçada de africanos foi um dos mais longos de nossa história, durou mais de 300 anos. Eles moldaram nossa maneira de viver”. Na teoria, somos exemplo de miscigenação de, no mínimo, três continentes diferentes. Mas na prática, a linha de raciocínio lógico nos leva a outras interpretações e vertentes possíveis, a começar pelo fato de que a maioria dos portugueses chegava sem mulheres, bem como os africanos, em sua brutal maioria masculina, sendo trazida maciçamente por quase quatro séculos da África para o Brasil. De toda a soma de homens, a maioria era de africanos que vieram em número

incrivelmente superior aos portugueses. Logo, se as mulheres africanas aqui não estavam, parte da população brasileira foi gerada por negros no ventre da mulher indígena. Portanto, ainda dentro deste raciocínio lógico, se quem define o sexo da criança é o gene acomodado na cabeça do espermatozoide e não o óvulo doado, estamos diante da seguinte constatação: por séculos, a África engravidou o Brasil, definindo inclusivamente, o sexo dos seus descendentes.

### **A CULINÁRIA BRASÁFRICA**

Sobre o forro de linho, outra grande contribuição da cultura africana se mostra com cheiros e preparos especiais. Temos pratos como o acarajé, vatapá, mungunzá, caruru, sarapatel, cocada, baba de moça, bala de coco e muitos outros exemplos, hoje iguarias da cozinha brasileira, mas que ontem pertenciam ao fogão à lenha africano, aquele feito no terreiros das casas. Até o mito da feijoada tem popularidade nacional, embora haja dúvidas sobre a real história que envolve este prato, sendo que a teoria de que ele se originou nas senzalas, das sobras que os senhores de engenhos não comiam, tem sido questionada. Mas enquanto discutem-se as teses mais prováveis, se as partes mais nobres iam para a mesa dos seus donos e se aos escravos restavam apenas as orelhas, pés e outras partes dos porcos, vamos nos deixando levar pela mistura de tudo isso com feijão preto, cozidos nos grandes caldeirões das nossas cozinhas cafuzas. Essa mestiçagem cor de âmbar na pele e na panela do brasileiro há muito faz parte da quentura do nosso temperamento, com as pimentas e especiarias caboclas. São africanas também a pimenta malagueta, a abóbora, a melancia e até a brasileiríssima musa paradisíaca, a banana nanica, originária do quente e úmido sudeste asiático, trazida para cá pelos africanos. É verdade que o Brasil tinha uma espécie nativa, chamada pacova, que por ser brasileira, foi denominada depois de banana-da-terra.

Mas a influência africana na nossa cozinha versou de duas maneiras: no preparo, tempero e combinações dos alimentos e nos ingredientes que eles trouxeram, assando preferencialmente seus alimentos, como os índios. Um dado no mínimo relevante é que os iorubanos ou nagôs, os jejês, os tapas e os haussás, foram os preferidos para ficarem nas cozinhas, aceitos como domésticos, porque eram todos

sudaneses islamitas e da costa oeste, sendo que o povo do sul, como a gente de Angola, do Congo, de Moçambique, eram mais fortes, mais submissos e portanto, aproveitados nos serviços pesados do campo, nas lavouras e engenhos. Do povo Iorubá temos receitas que usamos até hoje. Os doces brasileiros como pé-de-moleque, cocada, pamonha, canjica, mingau, compotas, foram desenvolvidos pelos negros cativos e os doces portugueses foram alterados por eles, como o arroz-doce, feito em Portugal com gemas de ovo e aqui com leite de coco.

### **O TRABALHO E O MANEJO DIÁRIO**

Os africanos deixaram muitos ruídos em nós, alterando para sempre o rumo de muitas histórias, nos doando força, tomando o cabelo liso dos índios e devolvendo o pixaim, hora escurecendo o vermelho da pele, hora quebrando com café o leite europeu. Eles nos ensinaram formas de morar e vem deles a construção da casa rústica, a madeira segurando a estrutura, a distribuição arejada dos poucos cômodos, as janelas recortando o horizonte. Suas técnicas agrícolas mudaram o manejo nas fazendas e a experiência pecuária foi fundamental para a introdução de novas opções de produção. Trouxeram com eles as forjas de ferro, a forma de garimpar ouro, com legados que influenciaram o urbano e rural.

### **AS HERANÇAS E HÁBITOS**

Cada povo deixou um legado diferente, o povo da Alta Guiné tinha a cultura do arroz e deixou no Maranhão a sua marca. O inhame, o dendê e a malagueta, da Costa do Benin, vieram para a Bahia. Os yorubás nos ensinaram cantigas, os bantus foram para o engenho e assim, coisas e modos foram se adequando a um país tão imenso quanto o continente de origem. Mas existem coisas que não são típicas desta ou daquela tribo, desta ou daquela gente africana, mas fazem parte de um todo, imenso todo de cores, risos e gostares africanos, deixando no Brasil o comportamento malemolente, o riso fácil, a ginga.

Talvez hoje, seja possível entender melhor algumas coisas que gostamos, comportamentos que temos, hábitos que não sabemos explicar quando foram

adquiridos, mas que estão lá, nos RUÍDOS AFRICANOS, como as danças que mexem com todo o corpo, o orgulho do enfeite no cabelo. Existe uma coisa última que herdamos que não poderia ficar de fora deste trabalho, porque seria perder uma contribuição magnífica, diferente e alegre daquele continente. O africano, de costa a costa, de norte a sul, do deserto árido às saavanas, constrói suas casas mas as usa quase somente para dormir, quando muito. O que ele gosta mesmo é da rua, dos espaços comunitários, do ir e vir do mundo. E segundo os estudiosos, herdamos isso deles, quando exercitamos as delícias das cadeiras nos alpendres e nas portas das casas, fazendo da calçada a nossa sala de visitas.

## **BIBLIOGRAFIA**

HERNANDEZ, Leila Leite. O olhar imperial e a invenção da África. In: **A África na Sala de Aula. Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. O processo de "roedura" do continente e a Conferência de Berlim. In: **A África na Sala de Aula. Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. O "novo imperialismo" e a perspectiva africana da partilha. In: **A África na Sala de Aula. Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Academia Brasileira de Letras / Topbooks Editora, 2001, 2ª edição 2005.

LOPES, Nei Lopes. Novo dicionário banto do Brasil. São Paulo: Editora Pallas, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p.7.

FERREIRA, Marlenísio. Kalunga - A Língua Secreta Dos Escravos. Patrocínio, 2011.

SILVA, Alberto da Costa e. A Enxada e a Lança - a África Antes Dos Portugueses - 5ª Ed. Editora: Nova Fronteira, 2011.

CARNEIRO, Souza. Mitos africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Brasiliana, 103).

MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil. 2.ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1935.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. Cafundó, a África no Brasil: língua e sociedade. São Paulo: Cia. das Letras; Campinas: Editora Unicamp, 1996.

FILHO, Aires da Mata Machado, São Paulo: Itatiaia e Edusp, 1985.

QUEIROZ, Sônia, Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga. UFMG, 1998.

MICHAELIS, Dicionário Escolar Língua Portuguesa. Nova Ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.